A Geopolítica da Cartografia: da Hegemonia de Mercator à Equidade da Projeção Equal Earth

La geopolítica de la cartografía: de la hegemonía de Mercator a la equidad de la proyección Equal Earth

The Geopolitics of Cartography: From Mercator's Hegemony to the Equity of the Equal Earth Projection

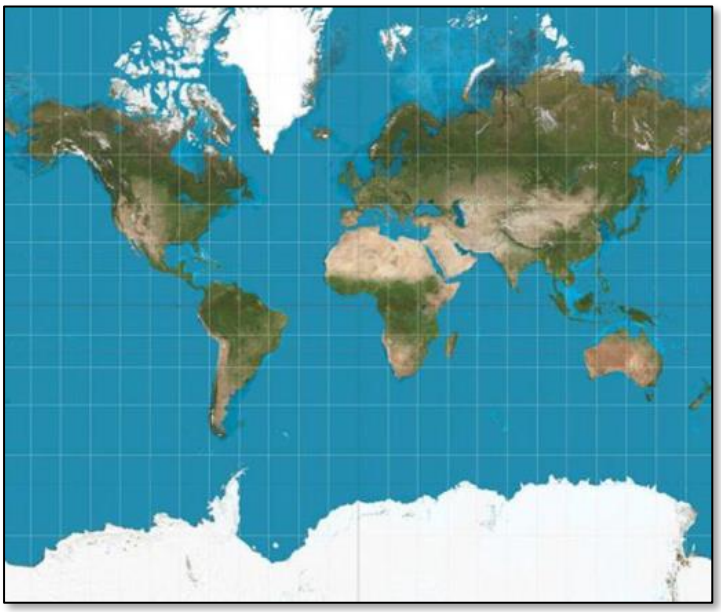
Regina Ungerer

O estudo, a ciência e a técnica de criar mapas, ou cartografia, nunca foi uma disciplina neutra. E nem tampouco é um reflexo da geografia terrestre ou a forma como o planeta é representado em uma superfície plana, pois esta representação envolve escolhas políticas, culturais e geopolíticas.

O Peso da História: De Mercator a Peters

Em 1569, o cartógrafo belga Gerardus Mercator desenvolveu a representação que moldou a percepção geográfica ocidental até os dias de hoje. A Projeção de Mercator foi desenhada para atender a uma necessidade prática da época que era a navegação marítima comercial e colonial. Por preservar os ângulos e as formas dos continentes permitia aos navegadores traçar linhas retas de bússola.

Contudo, é claro que, representar o Globo terrestre em uma forma plana, inevitavelmente gera distorções. Na projeção de Mercator, quanto mais próximo um território está dos polos, maior ele aparenta ser. O resultado é um viés visual que persiste há séculos:



A **Europa** aparenta ser maior do que a América do Sul, embora o continente sul-americano seja quase duas vezes maior.

A **Groenlândia** surge com dimensão semelhante à da África, quando, na realidade, o continente africano é cerca de 14 vezes maior.

O **Norte Global** ocupa visualmente mais de dois terços da superfície do mapa, rebaixando os países do Sul a posições secundárias e encolhidas.

Em 1973, o historiador alemão Arno Peters resgatou os trabalhos de 1855, do astrônomo e cartógrafo amador que também era membro do clero escocês, James Gall, para propor uma alternativa: a **Projeção de Gall-Peters**. Classificada como uma projeção mais real, rompendo com o modelo tradicional que colocava a Europa e a cultura ocidental no centro da história, da ciência, da cultura e do desenvolvimento do mundo, esta projeção apresentava os continentes discretamente alongados para manter proporção real das áreas. Pela primeira vez em um mapa amplamente difundido, o tamanho dos continentes africano, sul-americano e asiático refletia sua verdadeira escala física no planeta.



Do Escopo Interno ao Compromisso Multilateral

Em 1977, a ONU, a UNESCO e outras agências internacionais passaram a utilizar a projeção de Gall-Peters em suas publicações, relatórios e materiais didáticos próprios como forma de contestar a hegemonia que mantinha a Europa no centro da cartografia. No entanto, por se tratar de uma decisão administrativa de âmbito exclusivamente interno, a medida não vinculava nem orientava as políticas educacionais dos Estados-membros.

Apenas com a resolução A/80/L.104 intitulada **"*Correct the Map*"** (Corrija o Mapa) e aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 4 de setembro de 2026, este debate alcançou amplo respaldo político multilateral. A resolução eleva o compromisso internacional ao adotar a projeção ***Equal Earth*** que é um modelo técnico atualizado que preserva a proporção real de área sem gerar distorções visuais extremas nos contornos e mobiliza os Estados a adequarem seus currículos escolares e mídias públicas.

A Cartografia como Perspectiva Regional e Cultural

A escolha de um mapa-múndi depende diretamente do ponto de observação. A convenção de posicionar o Norte "para cima" e a Europa no centro reflete uma perspectiva eurocêntrica, e não uma lei física do universo. No espaço sideral, afinal, não existem noções absolutas de "cima" ou "baixo".

Nas escolas e instituições da Ásia, por exemplo, é comum o uso de mapas centrados no Oceano Pacífico. Nessa perspectiva, a China, o Japão e o Sudeste Asiático ocupam o centro da

representação, deslocando o Oceano Atlântico e a Europa para as periferias laterais. Trata-se de uma visão geopolítica coerente com a centralidade histórica e econômica daquela região.

Essa provocação já havia sido demonstrada na arte latino-americana. Em 1943, o artista plástico uruguaio Joaquín Torres-García desenhou sua icônica obra **América Invertida,** acompanhada do manifesto em que afirmava: *"Nosso Norte é o Sul"*. Ao posicionar a Patagônia e o Polo Sul no topo do desenho, Torres-García não cometeu um erro geográfico, mas realizou um ato de libertação cultural, demonstrando que a hierarquia visual que coloca o Sul "debaixo" do Norte é fruto de uma construção colonialista, e não de uma verdade factual.

A Emergência do Sul Global e o Imperativo de uma Nova Cartografia

A formalização e o incentivo ao uso de projeções equivalentes no âmbito das Nações Unidas dialogam diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e com a agenda de combate às desigualdades estruturais. Representar a África, a América Latina e o Sul da Ásia em suas dimensões reais não é um mero detalhe técnico; é um ato de justiça espacial.

O mapa-múndi concebido no século XVI refletia um mundo marcado pela expansão colonial e pelas necessidades de navegação das potências da época. Contudo, a geopolítica do século XXI é profundamente distinta. O Sul Global vem se afirmando de forma cada vez mais incisiva no cenário internacional, exigindo protagonismo, justiça histórica e a revisão de estruturas que perpetuam assimetrias de poder. Nesse contexto de transformação e afirmação soberana, a cartografia deixa de ser uma mera ferramenta técnica do passado para se consolidar, finalmente, como um espelho de equidade para o século XXI.